

Luiz Sérgio A. Alzão¹DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.41909>

O CÃO E A MORINGA D'ÁGUA

O sol perto da linha. Parte de baixo da linha mais escuro. Parte de cima mais claro. Avermelhado. Pincelando as nuvens ralas. Tons diferentes. O calor diminuindo. Calor da noite menor. Mas ainda é calor. Encontro um arbusto. Parece mais fresco. Cavo minha cama no pé dele. Alguma coisa embaixo da moita. Deito do lado da coisa. Cansado. Não sei de onde vim. Não sei voltar. Ninguém veio atrás de mim. Cabeça confusa. Cansada. Vazia. Fome. Sede. O cricri do grilo some. O canto do pássaro da escuridão apaga. O mundo desaparece.

Olhos pesados. Clarão surgindo. Barulho: chap-chap-chap. Abro os olhos. Gente grande roçando pasto com foice. Chapéu de palha na cabeça. Ainda cansado. Fico deitado. Olhando. Às vezes, levanto a cabeça pra ver gente grande melhor. Ele para. Passa as costas da mão na testa. Limpa água salgada que escorre. Chicoteia o ar com a mão. Jogar água salgada fora. Calor aumentando. Atormentando.

Gente grande olha pro sol. Olha pro que já fez. Olha pro que falta fazer. Olha pra moita. Vem vindo. Não me vê. Leva a mão pra pegar a coisa embaixo da moita. Eu: grrrrr. Ele me vê. Afasta. Fala comigo. Me chama de um som que já ouvi. Não é meu som. Tenta pegar a coisa de novo. Tensão. Ele quer a coisa. Eu protejo a coisa. Só sei proteger.

Ele volta a falar mais comigo. Quer ser amigo. Tenta pegar a coisa de novo. Levanto pra atacar. Proteger coisa. Pulo ameaçador na direção dele. Se afasta. Não sabe o que fazer. Anda pra lá e pra cá olhando pra mim e pra coisa. Sei fazer o que sei. Sei proteger. Guardar. Se afasta. Olha pra mim. Desiste da coisa. Me chama. Usa som diferente pra mim de novo. Já ouvi esse som. Me chama de novo. Faz sinal. Estala os dedos. Conheço o sinal. Sigo ele.

Pelo pasto. Uma casa amarela ficando grande. Indo pra lá. Uma gente grande: por que voltou cedo? O gente grande aponta pra mim. Sede. Moringa de água fresca no pé da moita. Cachorro não deixou pegar. Trouxe pra casa. Parece bom cão de guarda.

De repente, dois gente pequena sai da casa gigante. Corre pra mim. Nome? Tio. Responde o gente grande. Nome de cachorro sem nome. Desconfiado. Fico com cabeça baixa e olhando pra cima. Gente pequena brinca comigo. Brinco com elas. Gente grande volta pro capim. Corro pra lá e pra cá. Gente pequena corre junto. Risadas. Felicidade.

Casa alegre. Resto de comida. Comida boa. Sombra. Água do poço. Fresca. Barriga cheia. Sono. Olho apaga imagem. Inseto no focinho. Imagem volta devagar. Abocanho ar. Mosca some. Imagem apaga de novo. Mosca volta. Imagem retorna. Abocanho ar de novo. Mosca não para. Coloco focinho entre as patas. Mosca some. Mundo apaga.

¹ Formado em Letras pela Fafil – Faculdade de Filosofia e Letras da Fundação Santo André, São Paulo, Brasil. Mestre pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e doutorando pela mesma instituição. E-mail: luiz.alzao@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5054-2129>.

Bola vermelha perto da linha de novo. Gente grande chega. Gente grande da cozinha fala fazer galinha. Reconheço o som. Corro atrás das galinhas. Gritaria: Tio, para! Paro. Abano rabo. Animado. Respiração agitada. Expectativa. Aguardando ordem.

A gente grande da cozinha aponta galinha carijó, tudo igual: pega! Olho dedo dela e direção da galinha. Saio em disparada. Galinhas espalham. Muito parecidas. Não confundo caça com outras. Alcanço, abafo galinha no chão com as patas. Rosno como se estivesse estrangulando galinha. Gente grande chega e leva galinha sem nenhum arranhão. Comida boa. Osso de galinha gostoso pra comer hoje.

Agora tem mais gente pequena. Outros ficando maior. Casa diferente. Outro lugar. Não longe. Som: galinha. Corro de novo. Mulher grita parar. Aponta dedo. Pego galinha certa. Mata porco. Abre porco grande na mesa do quintal. Fico embaixo, protegendo. Não encosto a boca. Banda de porco tão grande, carne quase encosta no chão. Não deixo nem galinha passar perto. Protejo. Sei proteger. Deixa Tio cuidar. Confiança no Tio.

Sempre junto de gente pequena. Brincadeiras. No trabalho, fico na moita. Muito sol. Muito feliz. Tempo passa, passa, passa. Ficando velho. Vamos pra casa de primo gente pequena. Mais de uma casa perto. Gente pequena com primos num banco embaixo da árvore de laranja. Nunca joga pedaço de pau pra buscar. Hoje joga. Corro, busco, joga de novo, corro, busco. Risadas. Repete.

Agora, perna treme. A gente grande sai da cozinha. Vê perna tremer. Grita: Tio tá louco. Berra pra gente pequena entrar. Todo mundo entra correndo. Não sei por que gente pequena correu. Brincadeira boa. Agora, sozinho. Gente pequena chorando dentro da casa. Porta fechada. Sozinho no quintal. Amigos fugiram. Mundo vazio. Confusão na cabeça.

Gente grande de muito tempo passado aparece, levanta enxada. Deito no chão. Medo. Olhar humilde. Pancada forte. Cabeça dói. Gente pequena chorando com porta meio aberta. Olhando pra mim. Olho pra eles. Não entendo o porquê. Mundo apaga devagar. Tento manter imagem ligada. Impossível. Não consigo. Mundo desaparece pra sempre.

Pais de gente pequena volta da cidade. Desce do ônibus. Gente pequena maior foi buscar com carroça no ponto. Contou acontecido. Gente grande viu um cachorro sozinho. Levou. Substituir Tio. Diminuir tristeza. Cachorro subiu na cama com lençol branquinho pra dormir. Foi expulso. Levado pra longe. Cachorro nunca mais. Tio, só tem um.

Data de submissão: 22/08/2023

Data de aceite: 18/12/2023